

ANO II
Cr\$ 80,00 — N.º 72

São Paulo, 16 de abril
de 1965

Assinatura anual
Cr\$ 4.000

Por V.ª Aérea
Cr\$ 5.000

JORNAL DE PO

EU VI O

Portugal

Africano

1 — UMA DECISÃO HISTÓRICA

IVES GANDRA DA SILVA MARTINS

A história da humanidade nem sempre é escrita, pelos historiadores, na proporção exata em que os fatos que lhe deram causa merecem, posteriormente, a sua devida importância. Decisões existem, que mudam o curso da história, e o seu papel modificador somente muito mais tarde, e às vezes sem a necessária relevância, passa a ser, nesta perspectiva, analisado.

A título exemplificativo, vale a pena lembrar a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo. Wellington passou à história, como o grande herói e o verdadeiro alterador do curso da história ao encerrar a carreira conquistadora do caporal.

Em verdade, todavia, o mérito de Wellington não foi se não o de confirmar, num campo de batalha, a falência de um sistema já desestruturado, desde a batalha de Moscou.

A história, corretamente escrita, mostra a Rússia e o Czar Alexandre, como os reais alteradores do curso da história, já que naquele momento sim, enfrentaram um sistema e uma máquina estatal, no auge de sua força.

Assim sendo, a batalha de Moscou e não a de Waterloo foi a batalha decisiva para a mudança do curso da história, nos inícios do século passado.

A justiça da história, todavia, nem sempre corresponde à justiça dos historiadores e por isto, ainda hoje dá-se ex-

cepcional relevância à batalha de Waterloo, como decisiva, e a batalha sem batalha de Moscou, como um episódio apenas

na curta, mas tempestuosa vida do grande corso.

Se o que aconteceu há século e meio ainda não foi devidamente colocado nas prateleiras de história, com a importância necessária, compreende-se porque não se fez ainda a correta análise da transcendental decisão de Portugal ao não curvar-se perante uma mal formada opinião mundial, que exigia da Nação portuguesa a "independência" de suas províncias ultramarinas.

Raramente, na história, uma decisão foi tão importante para a marcação dos destinos da humanidade e raramente foi tão mal compreendida.

O Portugal africano, que eu vi, passado aproximadamente um lustro da maior pressão sofrida por Portugal na ONU, é a confirmação inequívoca, insosfismável, clara, cristalina, meridiana de que o Portugal metrópole, ao decidir enfrentar o mundo sozinho, sem armas e sem recursos outros que a fé na sua cultura e civilização, tão por que trazia, na sua fraqueza, a força transcendental e invencível de estar a defender a causa da verdade, da justiça e mais a Causa da Sobrevivência Ocidental.

Com efeito, percebe-se, hoje, passados 5 anos, que tivemos Portugal curvado à pressão de uma falsa história, que se escrevia de atogadilho, por países ainda sem a necessária tradição diplomática e, portanto, facilmente teleguiados por in-

Conclui na 5ª pag.

Eu vi o Portugal Africano

1 - Uma decisão histórica

A história da humanidade nem sempre é escrita, pelos historiadores, na proporção exata em que os fatos que lhe deram causa merecem, posteriormente, a sua devida importância. Decisões existem, que mudam o curso da história, e o seu papel modificador somente muito mais tarde, e as vezes sem a necessária relevância, passa a ser, nesta perspectiva, analisado.

A título exemplificativo, vale a pena lembrar a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo. Wellington passou à história, como o grande herói e o verdadeiro alterador do curso da história ao encerrar a carreira conquistadora do caporal.

Em verdade, todavia, o mérito de Wellington não foi se não o de confirmar, num campo de batalha, a falência de um sistema já desestruturado, desde a batalha de Moscú.

A história, corretamente escrita, mostra a Rússia e o Czar Alexandre, como os reais alteradores do curso da história, já que naquele momento sim, enfrentaram um sistema e uma máquina estatal, no auge de sua força.

Assim sendo, a batalha de Moscú e não a de Waterloo foi a batalha decisiva para a mudança do curso da história, nos inícios do século passado.

A justiça da história, todavia, nem sempre corresponde à justiça dos historiadores e por isto, ainda hoje dá-se excepcional relevância à batalha de Waterloo, como decisiva, e a batalha sem batalha de Moscú, como um episódio apenas na curta, mas

tempestuosa vida do grande curso.

Se o que aconteceu há século e meio ainda não foi devidamente colocado, nas prateleiras de história, com a importância necessária, compreende-se porque não se fez ainda a correta análise da transcendental decisão de Portugal ^{em} não curvar-se perante uma mal formada opinião mundial, que exigia da Nação portuguesa a "independência" de suas províncias ultramarinas.

Raramente, na história, uma decisão foi tão importante para a marcação dos destinos da humanidade e raramente foi tão mal compreendida.

O Portugal africano, que eu ví, passado aproximadamente um lustro da maior pressão sofrida por Portugal na ONU, é a confirmação inequívoca, insofismável, clara, cristalina, meridiana de que o Portugal metrópole, ao decidir enfrentar o mundo-sòzinho, sem armas e sem recursos outros que a fé na sua cultura e civilização, fê-lo por que trazia, na sua fraqueza, a força transcendental e inscível de estar a defender a causa da verdade, da justiça e mais a Causa da Sobrevivência Ocidental.

Com efeito, percebe-se, hoje, passados 5 anos, que tivesse Portugal curvado à pressão de uma falsa história, que se escrevia de afogadilho, por países ainda sem a necessária tradição diplomática e, portanto, facilmente teleguiados por interesses anti-ocidentais, e hoje o Ocidente seria territorialmente menor e talvez espiritualmente, sem o necessário ânimo para enfrentar um socialismo de origem marxista matizado pelos países, onde se colocou nos últimos 20 anos.

A histórica decisão permitiu conservasse o Ocidente , dentro de sua filosofia de maior relevância ao homem e de dignidade de de pessoa humana, tãda uma parte importante da África, que deixaria de ser ocidental, tivesse Portugal recuado de sua tradicional posição em defesa dos mais elevados princípios de cultura ocidental.

E os reflexos em cadeia poderiam ter atingido, na época, a própria América Latina, a degladiar-se contra uma influência crescente das correntes socialistas, reflexos êstes, que poderiam ter feito perder o fiel da balança para o castrismo, num momento, em que as forças ainda se equilibravam.

Não houvesse Portugal decidido enfrentar os aleijões-intelectuais que formaram uma juventude idealista, mas facilmente dirigida, e os trabalhadores conduzidos por elites comprometidas-com interêsses alienígenas, em todos os países, e hoje talvez o Ocidente estivesse a viver seus estertores, reduzido a uma América do Norte e uma meia Europa.

Assim sendo, defendendo a legitimidade de suas posições africanas, que é o próprio Portugal em outra dimensão territorial, a Nação Portuguesa, mudou, na sua fraqueza, a fortaleza de uma falsa corrente histórica, que estava a conduzir o Ocidente para o caos.

Pode ocorrer, entretanto, ao leitor a pergunta de que esta decisão válida em tãrmos históricos, poderia não ser válida em tãrmos humanos, já que a África Portuguesa poderia ser um centro de tirania e despotismo do europeu em relação ao nativo e de exploração do homem pelo homem, representando, portanto, apenas meios ilegítimos a justificarem fins legítimos.

Nada mais falso, muito embora uma dirigida e mal intencionada imprensa teime em mostrar ao mundo um retrato irreal e criminoso da África Portuguesa, com o intuito de atirar a opinião pública do mundo inteiro contra a mais esplendorosa realidade, que um povo poderia construir na África, que é Angola e Moçambique.

Assim sendo, nesta série de artigos, procurareis mostrar aos leitores do "Jornal de Portugal", o que é o Portugal africano, mostrando a verdadeira faceta de uma magnífica civilização criada em pleno coração de um continente porém e onde o trabalho, a integração racial, o espírito humanitário e a inexistência de quaisquer tipos de preconceitos são quase que as únicas armas que o português usou e usa para forjar a sua versão do mundo de amanhã.

IGSM/sm.-